

27 MAR 1989

SAÚDE

JORNAL DA TARDE

A preocupação deste médico: tratar e prevenir contra o nanismo.

A doença se manifesta de diversas formas e ainda não se sabe como ela ocorre

Em 1968, o ortopedista de crianças Steven E. Kopits atendeu um caso muito curioso: um menino demorava a se vestir, mas demorava tanto que o pai, irritado, deu-lhe um tapa. E ele desmontou. O garoto, descobriu-se então, tinha um tipo de nanismo — a falta de desenvolvimento da espinha cervical, que determina a compressão da medula. O sucesso que obteve no tratamento desse caso estimulou o dr. Steven a pesquisar mais e mais, de modo que dez anos depois abandonava a ortopedia infantil para dedicar-se unicamente a esses pacientes.

Fez isso porque não havia especialistas na área. "Os anões estavam abandonados à própria sorte", diz. E tornou-se a maior autoridade no assunto, único médico em todo o mundo a tratar exclusivamente desses casos. O dr. Steven Kopits — que passou uma semana em São Paulo, com uma equipe de cinco pessoas, vendo alguns casos e orientando os médicos que os assistem — voltou ontem para Baltimore, Estados Unidos, pois vai fazer uma cirurgia amanhã logo cedo. E já tem outras marcadas para os próximos quatro anos.

No Centro Internacional para Tratamento do Nanismo, que funciona em Baltimore, Maryland, ele tem dez pacientes em tratamento e uma gigantesca lista de espera. A Little People Research Fundation encarrega-se de conseguir fundos para pesquisas e manter o centro. Em São Paulo, onde o dr. Steven calcula que existam 1.400 portadores de nanismo — a maioria sem tratamento —, também há a Gente Pequena Associação Brasileira Pró-Nanismo, fundada por ele mesmo na última vez que aqui esteve,



Kopits: contra o preconceito.

em 1981.

Ontem, antes de viajar, o dr. Steven visitou a associação com o dr. João Thomazelli, um dos poucos ortopedistas brasileiros que também tratam de nanismo (ele tem cinco pacientes). Modestamente, disse que veio "trocar impressões e conhecimentos". Mas o dr. Thomazelli, tão conceituado quanto modesto, consentiu: "Ele não veio trocar. Veio trazer orientação".

Erroneamente, chama-se de anã toda pessoa que tem menos de 1,46 metro. Entretanto, a pessoa pode ser baixinha e não ser portadora de nanismo — que, na verdade, é a desproporção entre as partes do corpo. Tronco, membros ou cabeça que não crescem como deveriam e se deformam. Há muitas formas de nanismo. O dr. Steven trabalha com 80 formas diferentes. Cada uma tem quatro ou cinco problemas sérios. Segundo ele, o tratamento consiste em prevenir os problemas antes que ocorram. Os casos mais comuns necessitam de 50 horas de cirurgia ao longo de todo o tempo que durar o crescimento e, às vezes, ainda depois.

Apesar de se fazer muitas pesquisas na área, ainda não se sabe

porque o nanismo ocorre. Apenas que é um problema de origem genética. Alguns casos são evidentes ao nascer; outros se desenvolvem à medida em que as crianças crescem. Os tipos mais comuns são acondroplasia — estatura de aproximadamente 1m25, extremidades curtas e curvas, cabeça grande; a pseudo-acondroplasia — extremidades curtas e tronco grande, intensa frouxidão dos ligamentos, cabeça e rosto normais; o nanismo diastrófico — encurtamento de tronco e membros, deformidades de mãos, pés, quadril, joelho e coluna; e displasia spondylo-epifisária congênita: ao nascer, a criança tem o tronco grande e os membros curtos e, à medida que cresce, o tronco fica curto e os membros desproporcionais.

Todas essas condições podem provocar a compressão da medula, com paralisia e até a morte. Os portadores desses tipos de nanismo podem deixar de caminhar a devido a problemas no quadril, joelho, pés curtos ou todos eles. Alguns, como os diastróficos, não conseguem tocar todas as partes do corpo porque os braços são curtos, têm dificuldade de limpar-se no banheiro ou vestir-se. Mas tudo isso se pode prevenir e tratar.

A maioria dos anões tem problemas de comunicação devido à perda da audição, que interfere na fala; alguns podem ficar cegos por descolamento da retina. Contudo, mais grave que tudo isso, observa o dr. Steven, é o fato de a sociedade rejeitar essas pessoas, por ignorar que elas são normais, inteligentes, com ambições e sentimentos iguais aos de qualquer outro ser humano.

Rosa Bastos